



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

A PREGAÇÃO NA LITURGIA DA IGREJA, NA LITURGIA DO MUNDO E NA LITURGIA DO PRÓXIMO

Preaching in the liturgy of the church, in the liturgy of the world and in the liturgy of the other

Cláudio Carvalhaes¹

Resumo:

Este artigo luta contra a tendência de se pensar a pregação como um evento isolado da liturgia, como se a pregação pudesse ser pensada sem as orações, os cantos, os sacramentos, sem considerar a complexidade do outro e os desafios do mundo. Assim, pretende-se aqui estabelecer uma relação mais próxima entre a pregação e essas três liturgias fundamentais, a saber, a liturgia da igreja, que é o composto complexo das tradições cristãs, a liturgia do próximo, que é o componente de serviço com o outro, e a liturgia do mundo, que é a constante aproximação e crítica profética da vida do mundo, dos processos de globalização, etc. na vida da igreja.

Palavras-chave:

Pregação. Liturgia. Igreja. Outro. Mundo.

Abstract:

This article struggles against the tendency to think about preaching as an isolated event of liturgy, as if preaching could be understood without the prayers, songs and sacraments, as well as the complexities of the presence of the other and the challenges of the world. Thus, it seeks to establish a closer relationship between preaching and three fundamental liturgies, namely, the liturgy of the church, which is the complex compound of Christian traditions, the liturgy of the other, which is the attention to the presence of the other, and the liturgy of the world, which is the constant approaching and prophetic critique of the life of the world, the globalization processes, etc. in the life of the church.

Keywords:

Preaching. Liturgy. Church. Other. World.

¹ Cláudio Carvalhaes, Doutor em Liturgia e Teologia pelo Seminário Teológico União em Nova York, é Professor Associado de Liturgia no Seminário Teológico Luterano de Filadélfia nos Estados Unidos. Contato: www.claudiocarvalhaes.com; carvalhaes1@gmail.com

Introdução

Quando penso em pregação, nunca penso na pregação isoladamente. Penso a pregação como parte de uma liturgia onde palavras e preces, cantos e comida, cura e transformação, profecia e desafios, sonhos e esperanças acontecem juntos. Portanto, para os propósitos deste artigo, penso na pregação como parte de um ambiente mais amplo, ou seja, não somente o espaço do púlpito, mas sim o espaço mais abrangente do culto. Assim, gostaria que considerássemos a arte da pregação como parte fundamental de uma tarefa mais complexa que devemos fazer e que está relacionada à “liturgia da igreja, a liturgia do mundo e a liturgia do próximo”, como colocado por Nathan Mitchel.

Ao consideramos a arte da pregação nesta confluência: liturgia da igreja, liturgia do mundo e liturgia do próximo, precisamos nos inserir no contexto cultural em que vivemos hoje. Pregadores são agentes culturais, e todos nós temos que trabalhar dentro da maneira como a nossa cultura funciona, cria e transforma sinais de valores e formação para todos nós. Como agentes culturais, pregadores devem verificar continuamente quais são as lentes ideológicas que usam para enxergar as realidades sociais, econômicas, políticas e religiosas em que operam consciente e inconscientemente.

Quais são as lentes teóricas/práticas que nos auxiliam a interpretar nossa cultura e nossas comunidades em relação ao evangelho de Jesus Cristo? É precisamente essa consciência das nossas próprias lentes políticas, sociais, culturais e teológicas que irá nos ajudar a definir o que pregamos e como pregamos. Pregadores são chamados a desafiar, contestar, denunciar e lutar contra valores e padrões culturais que são contrários ao evangelho. Mas também, nós pregadores, somos chamados a encorajar, fortalecer e habilitar outros aspectos da cultura que precisam ser mantidos para o bem comum. Para essa tarefa, somos chamados não só para defender o que é bom para os cristãos, mas para toda a humanidade. De um lado, nosso trabalho é global, e não apenas local. Por outro lado, devemos propiciar o bem comum em nossas comunidades locais, cidades, estados e países. Somos todos herdeiros de uma igreja(s) que mostrou ao longo da história que devemos nos importar com o bem comum, com o bem-estar de todos os povos.

Portanto, a forma como olhamos para nossas culturas e os instrumentos críticos que usamos para interpretá-las definem, em grande parte, não só o conteúdo, as emoções e o formato da nossa pregação, mas também o conteúdo, as emoções e o formato das nossas comunidades e culturas como um todo. Assim, cada pregador está e estará sempre fazendo escolhas sociais-culturais-religiosas, e, portanto, precisamos ter a consciência de que nossas escolhas estão intrinsecamente ligadas às nossas compreensões do evangelho.

Assim, quando você olha para sua cultura, o que vê? O que você acha que coloca em risco a igreja de Cristo? Quem ou o quê são o que você chama de “inimigos”? Vou dizer o que eu vejo: eu vejo que um dos problemas do nosso tempo é a erosão da vida comunitária, que vai destruindo nossas igrejas; a praga do narcisismo / individualismo está ameaçando a nossa fé. Há muitos outros graves e sérios problemas à nossa volta, é claro, mas acredito que o crescente individualismo está entre os que exigem a nossa atenção para analisar os seus contínuos e profundos efeitos em nossa fé cristã.

Cada vez mais nosso mundo gira ao redor do culto das personalidades e necessidades privadas. Escolhas individuais, decisões individuais, necessidades individuais e desejos individuais estão nos transformando em seres mais autossuficientes, com um alto grau de senso de privacidade. Cada um cuida dos seus problemas, tornando difícil a vida com outras pessoas ou em qualquer comunidade que nos desafia. É por isso que o limite de uma hora juntos se impôs: não

aguentamos ficar juntos mais do que isso. Até mesmo a cultura brasileira sempre afeita à hospitalidade, ao encontro, à abertura, à alegria da chegada de um amigo em hora não marcada, à comensalidade e churrascos sem hora para acabar está em processo de mudança. A lei do horário de chegada e saída, dos mil compromissos pessoais, dos limites da amizade, da crescente vida solitária e autossuficiente está começando a mudar o jeito de ser e viver da nossa cultura. Se continuarmos nesse processo, viveremos num individualismo agressivo como se vive hoje em várias partes dos Estados Unidos.

Além desse narcisismo crescente, estamos nos tornando mais cínicos, desiludidos com o mundo, indiferentes à dor do outro, buscando nosso próprio prazer e estruturando nossas vidas em volta apenas dos nossos gostos e preferências. Esse modo de ser afeta todos os aspectos da nossa cultura. Tudo o que importa é minha privacidade. Mesmo o culto e os pastores tornaram-se presas da cultura das escolhas pessoais, cinismo e individualismo. Quantas vezes não ouvimos que, se não fizermos o que o João quer, ele vai sair da igreja e levar com ele o seu dízimo? Ou que a igreja precisa ter mais louvorção porque senão o povo sai da igreja? Ano passado, ouvi um cristão exemplar dizendo que ele decidiu não ir mais à igreja porque ele precisava proteger sua bolha de sanidade. Mas raramente ouço sobre sermos os guardadores dos nossos irmãos e irmãs. Nossa teologia está cada vez mais voltada à nossa prosperidade individual do que à missão de lutar pela vida no e do mundo. Deus está a serviço de nossas necessidades todas e obrigado está a nos fazer felizes e a nos dar tudo que queremos. Infelizmente, nós, a igreja de Cristo, também contribuimos para o desenvolvimento cultural, político, econômico e religioso do individualismo.

Esse individualismo está intensamente conectado ao mercado econômico. O individualismo é irmão gêmeo do capitalismo neoliberal de resultados, e nossas igrejas têm servido para ritualizar o alcance dos desejos de consumo. Gilles Lipovesty, um pensador social francês, define nossa era como “hipermoderna”, caracterizada pelo hiperconsumo e pelo indivíduo hipermoderno.

“Hiperconsumo”, diz Lipovesty, “é um consumo que absorve e integra mais e mais esferas da vida social e que encoraja os indivíduos a consumirem para o seu próprio prazer pessoal.”²

Nesse processo, prazer é a palavra-chave. Mais do que nunca, uma experiência individual está não mais num processo comunitário de descobrimento, com agentes e fronteiras comunitários, mas no prazer pessoal obtido ao desfrutar, sozinho, os bens de consumo que nunca nos saciam. Nosso prazer é capturado pelo mercado, que libera doses temporárias de alegria em resposta à nossa capacidade de comprar coisas. Nossa satisfação transforma-se em produto e nossa alegria em coisas, geralmente não relacionadas com a vida comum, isto é, de todos. Como a igreja está submetida a essa lógica do mercado, sua mensagem precisa ser oferecida como um produto a ser consumido e garantir a satisfação individual dos seus membros / consumidores. Se não pregarmos um sermão que ofereça satisfação garantida, nossos membros/clientes irão “comprar” o produto do evangelho em outra igreja e talvez com um pregador mais eficaz.

Estamos presos ao império do prazer privado, e nossas identidades acabam se transformando naquilo que o mercado permite que a gente construa a partir das nossas posses e classe. Adorno parece estar certo quando diz que o capitalismo cria nossas necessidades e usa a cultura para nos induzir a uma passividade absoluta.

Como diz a pensadora brasileira Maria Rita Kehl, a indústria cultural opera sob a rubrica do espetáculo e inclui a nós todos no mesmo processo de alienação que é o estabelecimento da

² LIPOVESTSKY, Gilles, *Hypermodern Times* Polity. Cambridge Press: Reino Unido. 2005.

distância entre nós e nossa capacidade de nos transformarmos em sujeitos da nossa própria história. Como fazer para sermos sujeitos da nossa história hoje? Esta foi a questão central da Teologia da Libertação na América Latina.

Parece que hoje a construção da nossa própria história está mais intimamente ligada à extensão da minha comunidade virtual do que à minha família, igreja e país. Sou o sujeito da história não porque ganhamos coletivamente acesso à saúde e educação universais, mas porque estou no Youtube, tenho um blog e um perfil no Facebook. Nossa vida vai se desmaterializando bem frente aos nossos olhos e tudo parece estar bem.

Com essa leitura cultural como pano de fundo, como podemos formar e reformar, estruturar e reestruturar, descobrir e redescobrir a “arte da pregação” no mundo de hoje? Vamos voltar ao que sugeri antes, ou seja, que a arte da pregação está impregnada com a nossa capacidade de trabalhar na confluência entre “a liturgia da igreja, a liturgia do mundo e a liturgia do próximo”. Mas o que é isso?

A liturgia da igreja

Todos nós estamos imersos em tradições eclesiais e litúrgicas. Todos nós herdamos uma história complexa, um arsenal de recursos, sabedoria, orientações e técnicas para manejar a vida e a fé. Devemos honrar tudo isso. E, ao fazê-lo, nossa tarefa é reviver essas tradições de mesmas e outras formas, combinando os recursos que recebemos com os recursos que temos à mão, baseados nos lugares histórico e social nos quais estamos inseridos. Cada período histórico tem seus próprios desafios e especificidades, que precisam ser traduzidos através das formas específicas de pregação e oração e canto e compartilhar do pão.

Portanto, o desafio para a arte de pregar, na sua relação com a liturgia da igreja, é ajudar a igreja a experimentar a vida do corpo comunitário de Cristo, o que significa criar uma rede de conexões que irão manter e propiciar as possibilidades de uma vida em comum. Por outro lado, nossa cultura pede a proteção do espaço privado e que cada um cuide dos seus problemas. Nossa cultura está se direcionando tanto em escolhas e necessidades individuais que a vida comunitária está se desfazendo, ou ao menos perdendo seus contornos originais. Sou do tempo em que toda a minha família em casa se reunia para ouvir o mesmo LP. Nós não tínhamos escolha.

Também sou do tempo em que se tinha só uma televisão em casa, que era compartilhada. Também éramos obrigados a ouvir todos a mesma música no carro. Hoje, cada um tem seu MP3 ou iPod e televisão no seu quarto, e mesmo os carros já têm sistemas de som ou DVD que podem ser usados individualmente, sem a necessidade de compartilhar com os outros passageiros. O império das escolhas pessoais também está invadindo as igrejas, e refletimos essas práticas nos cultos.

Uma das consequências disto é que estamos perdendo a paciência com as outras pessoas. Não conseguimos ouvir por muito tempo as preocupações do outro, orações mais longas, estamos perdendo o sentido da oferta como uma maneira de ajudar o outro e transformando o dízimo em barganha e massa de manobra na relação com Deus, não queremos cantar músicas das quais não gostamos, e não aguentamos ficar juntos por muito tempo. Reuniões de oração durante a semana vão acabando, e Escolas Dominicais parecem não funcionar mais.

Em muitos lugares, as igrejas cada vez mais estão perdendo a capacidade de atrair as pessoas para suas atividades. Consequentemente, perdemos não só uma imagem importante do

cristianismo na sociedade, mas também perdemos uma poderosa experiência cultural de vida *comunitária*.

O que fazemos nos nossos cultos deve refletir as maneiras pelas quais o mundo deveria viver, uma tentativa de vida modelo, de afirmações múltiplas da vida como anunciadas por Jesus Cristo, ao invés de apenas refletir e confirmar as distorções do próprio mundo e suas manifestações de morte. A partir de Jesus, ensaiamos no culto o que e como a vida deveria ser. Assim, comer o pão juntos deveria ser sinal e símbolo que carregam a imensa amplitude da generosidade divina, que provê alimento para todas as pessoas e espaço para nos reunirmos ao redor da mesa e, conseqüentemente, ao redor das nossas vidas comunitárias. Se, na liturgia da mesa/altar, vivemos a comensalidade e cuidado para que todos sejam servidos, as mesas ao redor do mundo não ficariam vazias. Se, na liturgia da cura, acolhêssemos a todos, medidas de saúde públicas visando à inclusão social seriam adotadas sem tanta dificuldade.

O canto deve ser também o momento em que aprendemos a vida de Deus e a vida junta e misturada, partilhando nas músicas o sonho de Deus para nós e o nosso sonho no mundo, e nas partituras das canções e da vida a gente se saberia parte um do outro sem divisão; a oração deveria ser o modo de buscarmos a Deus incessantemente e cuidarmos uns dos outros, não importando o que pudesse acontecer, pois, na oração e na vida diária, vamos juntos, incessantemente juntos; e a pregação assim deveria nos lembrar do que nos esquecemos em nossa fé, nos induzir à ação, uma forma de nos ajudar a nos reinventarmos, de renovarmos nossas vidas e de nos lembrar os desafios do evangelho de Jesus que Deus coloca à nossa frente todos os dias. Assim, o culto seria o que nossos irmãos e irmãs negros dos Estados Unidos dizem quando saem do culto: “Nós tivemos igreja hoje!”

Pois nossa pregação deve nos ajudar a chegar lá... A pregação é o fôlego de Deus para nós e para um mundo novo, uma janela que se abre para os caminhos que vamos tomar para olhar, sentir, ponderar, pensar e agir no mundo e se relacionar uns com os outros. Pregaçã, pensada nessa maneira, deveria ser algo contínuo, como a transformação do nosso ser nas mãos de Deus dentro da liturgia da igreja. A liturgia da igreja está sempre presente quando estamos no culto. As pessoas vão ao culto para ouvir a voz de Deus, e Deus vai ao culto para ver o que estamos fazendo lá. É no culto que recobramos nosso senso de dignidade.

Enquanto o mundo está dizendo: “você não serve para nada”, eu vou à igreja e ouço meu pastor pregar que “sou o filho amado de Deus!” Enquanto o mundo está dizendo: “você não é ninguém”, eu vou à igreja e, junto com meus irmãos e irmãs, ouço o pregador dizer: “filho, você é alguém muito especial nas mãos de Deus”. E eu grito: “aleluia, louvado seja Deus!”. Essa é a forma contracultural e religiosa de destruir o império das escolhas pessoais e os sistemas de valores excludentes da nossa cultura, ao mesmo tempo em que é também uma maneira de coser a tapeçaria da vida em comum, a rede de amor compartilhado que nos apoia e nos fortalece.

Quando o culto é verdadeiro e eu posso orar e cantar e pedir perdão a Deus, comer junto com o meu povo, e ouvir a palavra de Deus, o culto se transforma numa maneira de construir um paraíso no inferno, um jeito de criar um mundo possível onde a lei dos sem lei impera. Rebecca Solnit escreve sobre comunidades que se formam durante desastres, criando um paraíso no meio do inferno.³ Quando tudo foi destruído e não há para onde ir, comunidades encontram uma maneira solidária de reconstruir a si mesmas e aquilo que foi destruído.

³ Rebecca Solnit, *A Paradise Built in Hell: The Extraordinary Communities That Arise in Disaster*. New York: Penguin Books., 2010.

Essa é a função do culto da palavra e da mesa, irmãos e irmãs: criar um mundo de cuidado, dentro e fora dos muros da igreja. Cultos conseguem construir lugares saudáveis onde as pessoas podem não só sobreviver, mas também desabrochar a flor da vida abundante que Jesus nos prometeu. Assim, é fundamental que nós, pregadores, pensemos as muitas formas de como nossa pregação está inextricavelmente ligada à liturgia da igreja.

Por isso, a pregação, por si só, não pode fazer tudo isso sozinha! Junto com o canto e ofertório e perdão e unção e partir o pão, a pregação torna-se capaz de propiciar um espectro muito maior da cura e transformação divina para a vida da igreja e para a comunidade estendida. O adágio africano “sou porque nós somos e nós somos porque eu sou” é o que faz nossa igreja encontrar a vida.

Pregar, então, é essa lembrança interminável na liturgia da promessa e da vivência do amor de Deus no meio da nossa vida e nas obrigações que temos uns para com os outros. Vamos entender a arte da pregação apenas se, entre outras coisas, formos capazes de guiar uns aos outros na direção de Jesus Cristo, na direção aos lugares onde Deus pode nos visitar com sua presença transformadora. Contudo, a liturgia da igreja não é a única que precisamos levar em consideração: temos que pensar também na liturgia do mundo.

A liturgia do mundo

Quando louvamos e pregamos, estamos no meio do mundo. Sem que a gente queira, o mundo está dentro dos nossos cultos. Tentamos evitá-lo com nossos vitrais, para não olhá-lo, mas o mundo está profundamente marcado dentro das nossas igrejas e forçosamente define liturgias que são mesmo estranhas à nossa fé. As liturgias do mundo dizem respeito ao darwinismo econômico, ao dinheiro e ao consumismo. Negócios, onde somos desafiados a ser vendilhões desse templo de negócios divinos!

Em qualquer sociedade, você só sobrevive se puder pagar por algumas coisas. Sua medida está diretamente ligada ao que você pode comprar. E é preciso sobreviver nesse mundo competitivo dos negócios. Assim, dentro desse sistema, a pregação deveria escapar da lógica do mercado e seus desejos em vez de ser cooptada tão facilmente por promessas escusas e que nada têm do evangelho libertador de nosso Senhor.

Em vez de ser formatado como um produto, a pregação precisaria manter seu distanciamento profético das tentações dos negócios-empresariamento-marketing como compreensão da fé. Quando isso acontece, evangelho vira consumo pessoal, práticas cúlticas viram formas de troca econômica, orações viram demandas a que Deus nos responda como queremos, pregação em formas de culpa para conseguir mais dinheiro e oferece alívio imediato. O que se pede hoje na fé cristã não é mais a desafiadora, onerosa e difícil vivência do seguimento de Cristo, mas, sim, uma oferta geral de bem-estar; não mais uma comunidade onde todos têm responsabilidades de cuidar dos outros, mas, sim, de contribuintes e clientes que querem suas demandas resolvidas; não igrejas que primam pela vida de suas comunidades, mas de empresas que investem em meios de comunicação social; não mais sala de estudo pastoral ou de confissões de dores e lutas, mas escritórios onde pastores executivos viram empresários de impérios pessoais; não mais assembleias de louvor e adoração, mas reuniões de negócios para se barganhar com Deus e se chegar ao objetivo do orçamento daquele dia; não mais a vivência diária da missão da igreja entre os pobres, mas a propaganda de sucesso total ao se estar ao lado de Deus.

A liturgia do mundo, em substituição à liturgia da igreja que serve de cura às nações, virou refém do darwinismo econômico do mercado — no qual só os mais bem adaptados religiosa e economicamente sobreviverão — e está invadindo nossas igrejas. Se não pregarmos contra ele, vamos falar para bancos vazios.

Em 2009, preguei em um evento nacional da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA). Naquela reunião, propus que todos os pastores da denominação, junto com todos os professores e diretores de seminários, junto com todo o comitê executivo do escritório nacional da igreja, recebessem o mesmo salário e benefícios. Se fizéssemos isso, teríamos mais pastores recebendo um salário melhor, em vez do sistema hoje em vigor em que um punhado de pastores recebe um salário exorbitante enquanto a maioria vive em dificuldades financeiras. Defendi também que os seminários e as igrejas vendessem seus imóveis e sacassem todo o dinheiro investido no mercado financeiro para direcionar todos os recursos exclusivamente para missões e caridade.⁴ Poderíamos então nos reunir em prédios públicos, cafés, restaurantes ou nas casas das pessoas. E, é claro, minha proposta foi recebida com gargalhadas.

Uma proposta ridícula diante de um mundo religioso completamente dominado pelas regras do mercado financeiro. Entretanto, acredito que essa mudança iria obrigar a igreja daquele país a modificar sua maneira de viver juntos, e até a maneira de olhar para o evangelho. Em vez dessas liturgias do mundo que nos fazem reféns dos valores do mercado financeiro, precisamos criar outras liturgias do mundo que criem laços e aspectos comunitários para sustentar nossa vida juntos.

Portanto, oração e canto, comer e sermos perdoados juntos, combinados com a pregação do evangelho, têm que continuar a ser um modelo cultural de vida em comum. Nesse sentido, a liturgia do mundo é um ofertório cosmopolita de um *oikos*, a *oikumene*, a casa de Deus no mundo. Aí, a arte da pregação seria a capacidade de discernir entre as liturgias que estão destruindo nossa vida em comum e ajudar as pessoas a substituí-las por liturgias do mundo capazes de manter comunidades vivendo com justiça e de prover um futuro melhor para nossos filhos.

A pregação precisa ser uma parte essencial desse processo de discernimento, para nos despertar e nos ajudar a ver quão longe estamos do evangelho. Nesse processo de discernimento, espero que nossa pregação recupere os apelos para que nos arrependamos de ter abraçado liturgias de morte antes que todos morramos. A arte da pregação tem que nos dar condições para imaginar liturgias do mundo que construam pontes, recuperem a confiança das pessoas em Deus e nelas mesmas, e criem força comunitária para se viver. Não podemos esquecer que a arte da pregação está comprometida com o dever de denunciar o que está errado em nossa sociedade — ao redor do mundo, o fato de 1% da população possuir mais riquezas que os outros 99% juntos é uma liturgia da morte que estamos vivendo.

Pois a arte da pregação é também fazer escolhas. Por exemplo, o que temos a dizer sobre o muro da vergonha que se ergue entre Israel e a Palestina, EUA e o México, que é outra liturgia da morte que nos separa à medida que cresce como símbolo do ódio, da xenofobia e do medo? Todos os anos, a Igreja Católica celebra a eucaristia nos dois lados do muro, dizendo: "Isso não está certo, e continuaremos a celebrar a liturgia do mundo que vai nos unir até que esse muro caia". Ou o que dizer da destruição do Rio São Francisco? Nas comunidades ribeirinhas, a contínua lembrança que essa obra destruirá a vida de tanta gente. A pregação nos ajuda a não esquecer e a ritualizar o não às liturgias do mundo que destroem e o sim às liturgias do mundo que constroem.

⁴ Um seminário pequeno onde trabalhei, tinha investido no mercado financeiro quase 80 milhões de dólares.

Se não nos mantivermos atentos para detectar para onde nossa cultura está nos levando, muito em breve nossa pregação e nossas liturgias perderão a capacidade de crítica, e iremos reforçar os valores dominantes do narcisismo, sucesso a todo custo, dependência do dinheiro e objetivos empresariais, que vão continuar nos matando.

Mas não! Vamos continuar a criar liturgias do mundo, que por sua vez criarão vida e sustentarão o mundo como criação de Deus. Nosso objetivo não é o dinheiro e a felicidade a todo custo, e sim dar a Deus toda a glória; não é a vida sem dores e lágrimas, mas o consolo e companhia nos momentos difíceis; não à minha vida sozinho, mas sim à vida com o povo; não ao agrobusiness e sim à reforma agrária e à luta diária; não à busca por igrejas maiores, mas sim ao fortalecimento do nosso povo. E agora, a última parte, que é a liturgia do próximo.

A liturgia do próximo

A liturgia do próximo ou do vizinho é como entendemos o segundo mandamento de Jesus que é consequência do nosso amor a Deus: *ame seu próximo como a si mesmo*. Ao fazê-lo, estamos delimitando o mundo à nossa volta. Cada vez mais, somos desafiados a conviver com gente que não se parece conosco, ou acredita no que acreditamos, tem a mesma origem, história e talvez nem o mesmo futuro.

No exemplo dos EUA (mas que já é realidade no Brasil, com os bolivianos, coreanos, paraguaios, peruanos, etc.), a “invasão” da décima primeira praga, os imigrantes que estão transformando a cara do país. Só duas respostas são possíveis a este fenômeno: ou lutamos para expulsar as pessoas das quais não gostamos, ou arranjamos uma maneira de encontrar um lugar de paz onde possamos todos viver juntos.

Parece que há um profundo sentimento de insegurança que hoje toma as pessoas nos EUA, e no Brasil o ranço contra os nordestinos começa a se espalhar contra os imigrantes. Dentro das igrejas, esse medo vem acompanhado dos dados dos relatórios anuais, que apontam para a diminuição do número de membros. As igrejas protestantes também estão perdendo o poder que já tiveram. A combinação desses fatores tem um impacto enorme na nossa vida em comum, como igreja ou como vizinho. Parte da igreja está reagindo com violência e xenofobia contra aquilo que não conhece.

Em nossa pregação, precisamos enfrentar esses medos e violências e dar às pessoas formas melhores de se lidar com eles. Em vez de manter o silêncio ou fingir que o medo não está aqui, precisamos agir de maneira para que isso nos fortaleça. Assim, quando consideramos a liturgia do próximo, devemos pensar como oferecer um modelo de ser igreja *com* nossos vizinhos. Quando pensamos em nosso vizinho, temos que levar em conta o que Slavoj Žižek disse: o próximo se apresenta para mim quando faz algo que eu desaprovo, que me perturba, que me escandaliza ou me deixa perplexo.

Em outras palavras, o vizinho é essa parte tóxica do outro que eu devo amar porque eu também carrego essa toxidade para outras pessoas. Mas como podemos amar esse aspecto tóxico de quem não gostamos? Sem que a gente coloque muita pressão na possibilidade de missão do culto, acredito que é também no culto que podemos oferecer um modelo para uma sociedade diversa, ter vida em comum. Precisamos nos transformar em ecumênicos radicais! E a pregação tem que nos ajudar nesse caminho.

Cada vez mais me convenço de que as igrejas devem acoplar suas identidades litúrgicas / eclesiais / pregação a outras tradições litúrgicas / eclesiais / pregação. Identidades

múltiplas, origens e histórias misturadas, compartilhadas, em vez de protegidas por um único grupo. Não ao gueto, às pessoas de mesma classe, raça ou crença.

Quanto mais diversidade de pessoas que estão juntas no culto, mais aprendemos sobre nós mesmos e podemos apreciar a bênção que o outro carrega para nós. Dessa forma, a diversidade se transforma em bênção e não é ameaça. Assim, nesse modelo, igrejas tradicionais devem misturar-se com as pentecostais; igrejas de um grupo de imigrantes devem misturar-se às igrejas de cidadãos locais, e assim por diante, em todas as combinações possíveis. A princípio, isso pode parecer sem sentido e gerar uma situação caótica. Contudo, é a necessidade de nos conectarmos com o outro, um outro radicalmente diferente de mim mesmo, que cria as condições para negociarmos temas difíceis como poder, espaço, tradições, etc. Assim, o cantar os hinos de um outro povo irá enriquecer o meu hinário e, assim, minha fé e minha vida.

Essa proposta vai de encontro à reação de uma sociedade que parece estruturar-se pela segregação dos grupos étnicos/religiosos/sexuais. Com isso, cada grupo teria a possibilidade de fortalecer suas identidades e permanecer no seu próprio nicho.

Então, gays com gays, negros com negros, imigrantes com imigrantes, brancos com brancos, classe média com classe média, e assim por diante. Contudo, essa tentativa de proteger uma identidade fictícia também é uma maneira de proteger o grupo de outros e dos desafios que trazem à sua convivência. No Brasil, a gente ouve a sabedoria que vem das ruas: *tamo junto, tudo junto e misturado!* Que nossa pregação se alimente dessa possibilidade de diversidade e ecumenismo radical

Somos melhores e mais plenos quando vivemos no meio da diversidade. Porque eu me relaciono melhor com o outro se minha identidade é múltipla, se posso reservar espaço para outro de uma forma que pode ser diferente da utilizada por eu mesmo ou alguém que está enclausurado em seu grupo identitário. Isso não significa que eu preciso abandonar aquilo que é importante para mim, mas, sim, que vou olhar para o outro sem me preocupar em identificar imediatamente a diferença de cor, etnia ou mesmo grupo religioso. Assim, adicionando aquilo que *um outro* é à minha própria identidade, torno-me mais forte e mais bem preparado para lidar com as diferenças. Da mesma maneira, fica clara também a distância abissal entre eu e o outro.

Portanto, a liturgia do próximo depende daquilo que eu entendo não só como quem é o meu vizinho, mas também como eu me vejo e aprendo a me relacionar com ele/a. A pregação aqui será um desafio, porque terá obrigatoriamente que lidar mais frequentemente com os paradoxos e ambiguidades do que com certezas e sentidos unívocos e fixos.

Nossa leitura da Bíblia será profundamente afetada. O evangelho deverá nos levar a servir o pão ao desconhecido, e a pregação do evangelho a aquecer os corações com a mensagem de Jesus que amou pessoas tão diferentes dele e abraçou a todos, especialmente aos desvalidos.

Concluindo

Assim, meu sermão será sempre um ato que definirá você e, em consequência, a mim mesmo. Minha pregação cuidará de tratá-lo com a amplidão de quem ama, com o cuidado de quem sonha, com a alegria de quem não consegue viver sem você. Judith Butler disse que “vimos a existir em virtude dessa dependência fundamental do discurso do Outro”. Liturgia e sermão são linguagens. Liturgia é ação, e sermões nos ajudam a medir o valor da vida humana. Pregações moldam comunidades. “Fazemos linguagem”, diz Tony Morrison, “que pode ser a medida das

nossas vidas. Em sua palestra em ocasião do recebimento do prêmio Nobel de Literatura de 1993, Tony Morrison disse que a língua é uma coisa viva.

Sim, nossos sermões são coisas vivas, vulneráveis e poderosas, potencialidades de cura e/ou de ferir, de construir e destruir mundos inteiros. É por isso que devemos ter cuidado com aquilo que pregamos. Discursos de ódio podem destruir povos e comunidades inteiras, e atos de linguagem afirmativos podem fazer as pessoas se erguerem.

A igreja é marcada pelas ações dos nossos sermões, e as pessoas vão trabalhar nas frestas entre as palavras pronunciadas pelo pregador e suas localizações na sociedade e suas lutas individuais.

Nossos sermões não apenas descrevem e definem aquilo que falamos, mas também anunciam o que está por vir. O que é que anunciamos que virá sobre a igreja de Cristo e sobre o mundo em nossos sermões? De que maneiras retratamos a igreja, o mundo e o próximo em nossa pregação? De que formas as tensões e conflitos escancarados entre a cultura e o evangelho são examinados, estimulados ou expostos em nossa pregação? Cantando as músicas uns dos outros, orando as orações uns dos outros e ouvindo os sermões uns dos outros poderia ser uma forma de criar espaços entre nós. O engajamento dialógico com outros deve ser feito para encontrarmos jeitos de fortalecer, enriquecer e aprofundar nossa vivência conjunta. Não nos esqueçamos: criar esses espaços de vida fulgurante e esse tipo de igreja aberta e sociedade justa será caótico, limitado e difícil. No caminho sempre decepcionaremos muita gente, não importa quanto nos esforcemos. Portanto, precisamos depender de Deus constantemente para aprender essa arte.

Há bons exemplos aqui e ali dessa possibilidade. Menciono um: a Primeira Igreja Batista de Fall River, Massachussets, EUA, e seu lugar maravilhosa e caoticamente diverso. Nessa igreja, dirigida pelo pastor Donald Meier, há pobres e ricos, letrados e analfabetos, altos funcionários da prefeitura e gente que cumpriu sentença na prisão, brancos e negros e estrangeiros. Há pessoas em boa saúde e gente sem convênio médico, gente com limitações físicas e mentais, pessoas mais tradicionais e pessoas que querem experimentar coisas de uma outra maneira. Não é fácil para o pastor Mier, mas a sua pregação sustenta esse lugar com amor. Muita gente não suporta e vai embora. Outros ficam para criar e viver essa utopia do reino de Deus.

Se a pregação puder nos ajudar a fazer esse espaço entre nós, podemos também fazer essa poderosa virada eclesiológica/pneumatológica. Porque é o Espírito Santo edificando a igreja — tirando-nos do nosso individualismo radical e hábitos egossuficientes e criando as interconexões com o corpo de Cristo e com o mundo de Deus. Assim, então, dependemos do Espírito para fazer o melhor possível com essa arte da pregação que queremos praticar.